

PEDRO TIERRA



A ESTRELA IMPERFEITA

2ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



Não deixa de ser impressionante que esta poesia, épica e discursiva, na linha de um Neruda ou de um Walt Whitman tenha sido capaz de pronunciar estes versos: “certas vozes/ só são ouvidas quando se calam”. Ou ainda, “Então, eu quero viver” (...) “Ainda que a vida me falte”. Este sinal a menos, este que fala em meio a vertigens e tumultos da “casa de subúrbio para onde regresso/ nessa hora tardia”, este que vaga “por um vasto pântano de interrogações” é o poeta de uma geração e de uma experiência de transformar o mundo.

Já Drummond, com seu jeito de estar sempre no mundo mas desconfiando da última verdade, de ser uma falta que ama, de estar disposto à plenitude desde que ela não ameçasse sua humanidade com certezas demasiadas, nos havia proposto que a nossa esperança é aquela viesada pela dúvida. Isto é, como diz Pedro Tierra nestes versos terríveis e luminosos, “ainda que sejam os olhos vazados de esperança?”.

Os sinais da esperança estão por todos os lados nesta poesia, que já foi torturada e agora é doída como quem grita um “verso quebrado, disforme/ pela garganta de Mano Brown”. Estão lá em Adão Pretto, Chico Mendes, Gushiken, Apoe-

ma, Tomás Balduino e Celso Pereira, na “bandeira vermelha/ – sinal de terra livre – no portal dos assentamentos”, nas “cerejas ancestrais” do samurai ou “na proteção/ barroca e suave/ dos casarões às três da tarde” de quem procura pelos desaparecidos. Ou nesta mulher, para nosso destino comum de país sobrevivida, que “é filha da liberdade e da coragem”.

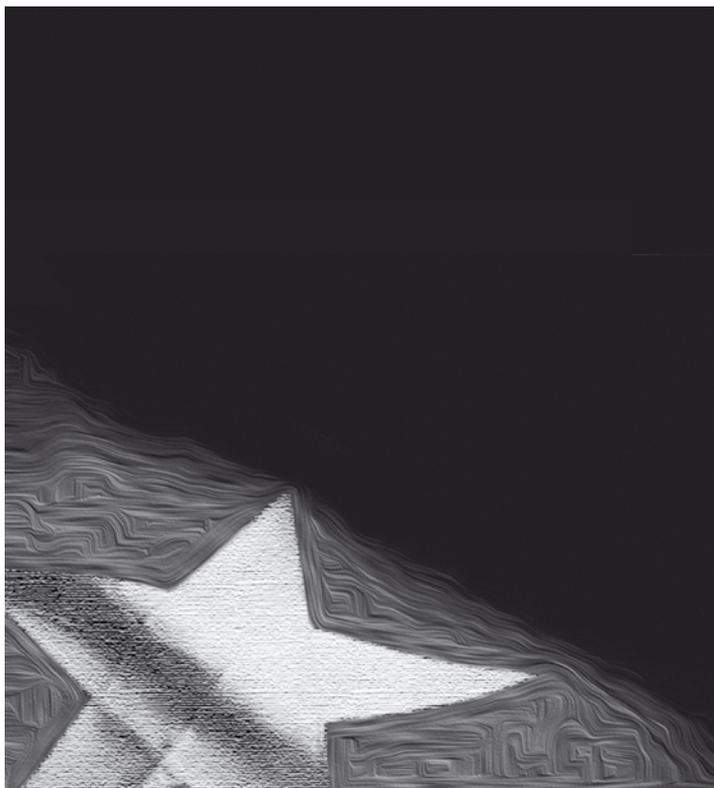
“E sentamos à mesa dos palácios:/ e perdemos a inocência”, nos propõe outro verso terribilíssimo. “Partiu-se o vaso/ concebido para a perfeição”, a estrela é imperfeita. Mas “não tínhamos “um pé na senzala”;/ éramos a própria senzala”. Contra a sentença do esquarteramento proferida desde sempre pelos senhores, agora moral e midiaticamente disseminada, “nós, os primitivos,/ voltamos/ e somos milhões”.

A poesia de Pedro Tierra tem mais de 500 anos. Mas pulsa como a revelia e o vermelho que tomou as ruas do país em junho passado e agora em outubro de 2014.

Juarez Guimarães

Cientista político, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante do Conselho de Redação da *Teoria e Debate*

PEDRO TIERRA



A ESTRELA IMPERFEITA



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

2021

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO
Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores
em maio de 1996.

Diretoria

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vívian Farias

Elen Coutinho

Jéssica Italoema

Alberto Cantalice

Artur Henrique

Carlos Henrique Árabe

Geraldo Magela

Jorge Bittar

Valter Pomar

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo,
Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz Dulci,
Macaé Evaristo, Marcio Meira, Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi,
Silvio Almeida, Tássia Rabelo, Valter Silvério

Coordenador editorial: Rogério Chaves

Assistente editorial: Raquel Maria da Costa

Capa, projeto gráfico e diagramação: Caco Bisol Produção Gráfica Ltda.

Os fotógrafos cederam gentilmente os direitos de reprodução das imagens para
nossa edição: Paulo Pinto (foto prisão de Lula, dia 7 de abril de 2018), Sérgio Silva
(foto jornada de junho/2013) e Vera Jursys (foto da Vila Euclides)

Este livro obedece às regras do Novo Acordo da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados à Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 – São Paulo – SP

Fone: (11) 5571-4299

www.fpabramo.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K

T564e

Tierra, Pedro.

A estrela imperfeita / Pedro Tierra. – São Paulo : Editora Fundação Perseu
Abramo, 2014.

84 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7643-265-4

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDU 869.0(81)-1

CDD 869.1

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

ÍNDICE

- 5 A estrela imperfeita
- 11 Ao leitor da segunda edição

A ENCARNAÇÃO DA TEMPESTADE

- 15 Os Filhos da Paixão
- 20 A sedução da esfinge
- 23 De mosaicos e vitrais
- 26 Sobre o exercício do silêncio
- 29 A esperança tem os olhos vazados
- 31 A face desfigurada
- 34 As sementes da vertigem
- 36 Os invisíveis
- 39 Nós, os primitivos

OS NOMES

- 45 Nessa hora de cinzas
- 48 Há uma gaita que geme e desafia
- 51 Um grito verde que anda
- 54 Samurai
- 56 Apoená
- 59 Tomás
- 61 Pranto por Celso Pereira
- 64 Um par de sandálias para o peregrino

OUTONO

- 69 Sem rosto
- 71 A medida do verso
- 73 A gaiola virtual
- 75 Nós somos a cidade

A ESTRELA IMPERFEITA

- 79 500 anos esta noite
- 82 A hora da infâmia
- 88 Arreentar para a luz como as constelações

CONTRA SEU VENTRE NASCEMOS

- 93 Contra seu ventre nascemos
- 100 Uma canção para 24 de janeiro
- 102 A Noite chegou tarde
- 107 Oficina para uma condenação
- 111 O Dia dos Insurgentes
- 116 Em formato de estrela, uma oficina
- 122 O que somos nós senão bandeiras?

QUE PAÍS SEREMOS DEPOIS DAS VALAS COMUNS

- 131 O invisível
- 136 Matadouro Brasil
- 141 Amanhece sobre S. Bernardo

A estrela imperfeita

*“Ponderei como [as pessoas] lutam e perdem a batalha,
e aquilo por que lutaram se realiza apesar de sua derrota,
e quando isso ocorre se percebe que não era o que eles
desejavam, e outras [pessoas] têm de lutar pelo que elas
realmente queriam sob outro nome...”*
(William Morris, cit. por Geoff Elley)

Ensinam lutas antigas que os poetas eram chamados a banhar com os unguentos da palavra a alma dos combatentes feridos. E a distribuir sementes de fogo para acender e alumiar o coração dos que voltavam à frente de batalha.

Alguns poetas, ao longo da vida, se moveram no *front* e se confundiram entre homens e mulheres à luz das fogueiras dos acampamentos. Há quem diga que para isso servem os poemas: para acender as fogueiras dos acampamentos... Há mesmo poetas, que registraram a morte de outros sem adivinhar que um dia a morte, da mesma forma, os colheria. Isso, quando a vida já tornara “*insuportável tanta realidade*”, como advertiu Elliot.

Maiakovski registrou – *não pranteou* – a morte do poeta Serguei Iessiênin, seu amigo. Mas seguramente produziu o poema mais importante sobre sua tragédia – um suicídio solitário no Hotel Inglaterra – um relâmpago a mais no meio do grande vendaval da Revolução Russa. Um poema duro e lúcido que nos dá a medida de como a revolução fecunda e devasta o coração dos homens. Um poema que termina com um verso inesquecível e indispensável para os que se entregam a esse árduo exercício de resistir e sonhar um outro mundo possível:

“Nesta vida
morrer não é difícil.
O difícil
é a vida e seu ofício”.¹

Pela palavra, lidam os poetas, com a memória e a paixão. Poucos se dispõem ao risco de extrair do sono escuro que o idioma lhe oferece, o sonho das palavras que darão à luz a poesia do futuro. Recebem eles, um mandato oculto e imperativo do seu lugar, da sua gente, de sua classe, de suas próprias

1. Schnaiderman, Boris. *A poética de Maiakovski*. Ed. Perspectiva: São Paulo, 1971.

intuições a tarefa de reinventar permanentemente o destino humano.

Aqui talvez resida um ponto de contato entre duas aventuras aparentemente tão distantes: a criação da poesia como ato de reinventar os horizontes da língua e o exercício político como ação revolucionária, que se propõe a reinventar as relações sociais. Esse diálogo subterrâneo, às vezes apenas sugerido, às vezes explícito, de algum modo marcou a literatura ocidental no século XX.

O que fazer quando os donos do espaço e da palavra capturam a memória das batalhas que travamos, e sobrepõem, como num *palimpsesto*, um novo texto onde não nos reconhecemos? E nos roubam a voz da garganta e já não alcançamos o ouvido e o coração de nossa gente como no poema de Eduardo Costa?

*“Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor do nosso jardim.*

E não dizemos nada.

*Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,*

*matam o nosso cão
e não dizemos nada.
Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo o nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.”²*

Aqui a palavra arranca energia do vivido e, como poesia, se insurge. E define os poetas como criadores e criaturas da transgressão. Capazes, precisamente pela transgressão, de reconstruir o discurso humano e, por isso, de alguma forma misteriosa, o destino humano.

Retirar do barro o espelho que reflete nossa face desfigurada. Lavá-lo com a água da palavra. E levantá-lo contra a luz crua da tragédia que nos colheu. Limpo. Para mirar o rosto que esculpimos com mão incerta, sem os piedosos véus da hipocrisia. E oferecê-lo, sob o sol da praça, aos olhos incrédulos e indignados de

2. Costa, Eduardo Alves. *No caminho com Maiakowski*. Ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1985

nossa gente que vigia e chora e teima em manter o frágil pulso da esperança.

Entrego aqui a indignação que o verso capturou. E, embora saibamos que a indignação não é boa conselheira na hora de escrever um poema, você, leitor, saberá reconhecer nos olhos, nos lugares, nos nomes, nos sonhos a memória dos passos que cumprimos. Repare: estão inscritos na planta dos nossos pés. Fecundaram os caminhos que nos trouxeram até aqui: para os altos e para os pântanos. Sem concessão ao veneno da palavra dos nossos inimigos, fazem parte da nossa verdade profunda. Da nossa grandeza e das nossas misérias.

Que nome dar a esses poemas que faço chegar diante dos seus olhos e aos seus dedos nas páginas que vão se seguir? Que nome dar a eles? Se o nome é um selo, um lacre, caráter impresso à fogo? Como nomeá-los se estão inscritos sobre as tábuas incertas das minhas angústias? Se amanhã a boca dos renegados revelará alguma verdade ainda mais humilhante? Que nome dar a eles? *Os filhos da paixão? Arrebeitar para a luz como as constelações? Os olhos vazados da esperança?* Serão talvez os cacos de um pobre vitral de província

rejuntados com resinas de sonhos e esperanças. Ou uma contraditória narrativa desta aventura humana que nos assaltou a medula e nos governa a vontade há mais de três décadas? Talvez, ao fim, chegaremos apenas a algumas frágeis composições para “*A estrela imperfeita*”... Uma estrela que não cultiva unanimidades...

Mas o que resta ao poeta condenado ao combate senão a sina de combater? E aos que tecemos com fios tênues de sangue e sonho a bandeira rota que me cobre os ombros, senão combater e recompor as cinco pontas dessa *Estrela Imperfeita* que risca o céu vazio do peito? Olhar em volta e recobrar em minha voz a voz dos que não puderam palmilhar a contraditória manhã que acendemos no coração da tempestade, nos olhos de nossa gente... E com o vasto coro dos filhos da margem responder *pela voz do peão que ecoa a força dos séculos*, aos que um dia nos desejaram o pelourinho, o sal, a cinza, a morte: quarenta anos depois, *para nascer, nascemos*...

Pedro Tierra
Brasília, 2014

Ao leitor da segunda edição

Pensei uma informação ao leitor que, de algum modo, justifique essa segunda edição da *Estrela Imperfeita*, agora virtual, sete anos depois.

O país foi tragado por mecanismos infernais. Remetido rumo a uma espiral descendente e infinita de tragédias. Sob os olhos do poeta, condenados a viver e contemplar o espanto desses dias e noites que se recusam a despedir-se e dissipar-se em suas próprias cinzas, os espelhos se movem para refletir um passado que latejava sob nossos pés como um rio subterrâneo de ódios não pressentidos.

Foram incluídos aqui os poemas que prefiguraram e testemunharam os dias do golpe. A nossa espantosa fragilidade. As ruas vazias. A caçada. O cárcere. As greves. As vigílias para aquecer o coração dos nossos corações. A luz acesa na cela para espantar

o cerco da sombra e alimentar nossa indignação. E a reinvenção da manhã.

Alguns deles escritos quando a pandemia já nos alcançava os pulmões para asfixiar o país: “*Contra seu ventre nascemos...*”, “*Uma canção para 24 de janeiro*”, “*A noite chegou tarde*”, “*Oficina para uma condenação*”, “*O dia dos insurgentes*”, “*Em formato de estrela, uma oficina*”, “*O que somos nós senão bandeiras*”, “*O Invisível*”, “*Matadouro Brasil*” e um poema reencontrado “*Um par de sandálias para o peregrino*” escrito ainda durante os anos de chumbo, no Presídio do Carandiru, dedicado a Pedro Casaldáliga, que hoje repousa no cemitério Karajá, sob a copa de um pequizeiro, às margens do Araguaia. Não creio que alterem a fisionomia original do livro. Talvez apenas indiquem que seguimos vivos, a aventura prossegue e os inimigos não conseguiram romper esse laço subterrâneo entre nós, a esperança e a voz dos sustentadores da vida.

Pedro Tierra
Brasília, 2021

A ENCARNAÇÃO DA TEMPESTADE



Assembleia dos metalúrgicos, Vila Euclides (São Bernardo do Campo, SP). Crédito de Vera Jursys.

POEMA I

Os Filhos da Paixão

Nascemos num campo de futebol.
Haverá berço melhor para dar à luz uma estrela?
Aprendemos que os donos do país só nos ouviam
quando cessava o rumor da última máquina...
quando cantava o arame cortado da última cerca.
Carregamos no peito, cada um, batalhas incontáveis.
Somos a perigosa memória das lutas.
Projetamos a perigosa imagem do sonho.
Nada causa mais horror à ordem
do que homens e mulheres que sonham.
Nós sonhamos. E organizamos o sonho.
Nascemos negros, nordestinos, nisseis, índios,
mulheres, meninas de todas as cores,
filhos, netos de italianos, alemães, árabes, judeus,
portugueses, espanhóis, poloneses, tantos...
Nascemos assim, desiguais, como todos os sonhos
humanos.

Fomos batizados na pia, na água dos rios, nos
terreiros.
Fomos, ao nascer, condenados a amar a diferença.
A amar os diferentes.
Viemos da margem.
Somos a antissinfonia
que estorna da estreita pauta da melodia.
Não cabemos dentro da moldura...
Somos dilacerados como todos os filhos da paixão.
Briguentos. Desaforados. Unidos. Livres:
como meninos de rua.
Quando o inimigo não fustiga
inventamos nossas próprias guerras.
Desenvolvemos um talento prodigioso para elas...
Com nossas mãos, sonhos, desavenças compomos
um rosto de peão,
uma voz rouca de peão,
o desassombro dos peões para oferecer ao país,
para disputar o país.
Por sua boca dissemos na fábrica, nas praças, nos
estádios
que este país não tem mais donos.
Em 84 viramos multidão, inundamos as ruas,
somamos nosso grito ao grito de todos,

depois gritamos sozinhos
e choramos a derrota sob nossas bandeiras.

88. Como aprender a governar,
a desenhar em cada passo, em cada gesto,
a cada dia a vida nova que nossa boca anunciou?

89. Encarnamos a tempestade.
Assombrados pela vertigem dos ventos que
desatamos.

Venceu a solidez da mentira, do preconceito.
Três anos depois, pintamos a cara como tantos
e fomos pra rua com nossos filhos
inventar o arco-íris e a indignação.
Desta vez a fortaleza ruiu diante dos nossos olhos.
E só havia ratos depois dos muros.
A fortaleza agora está vazia
ou povoada de fantasmas.

O caminho que conduz a ela passa por muitos
lugares.

Caravanas: pelas estradas empoeiradas,
pela esperança empoeirada do povo,
pelos mandacarus e juazeiros,
pelos seringais, pelas águas da Amazônia,
pelos parreirais e pelos pampas, pelos cerrados e
pelos babaçuais,

mas sobretudo pela invencível alegria
que o rosto castigado da gente demonstra à sua
passagem.
A revolução que acalentamos na juventude faltou.
A vida não. A vida não falta.
E não há nada mais revolucionário que a vida...
Fixa suas próprias regras.
Marca a hora e se põe diante de nós, incontornável.
Os filhos da margem têm os olhos postos sobre
nós.
Eles sabem, nós sabemos que a vida não nos
concederá outra oportunidade.
Hoje, temos uma cara. Uma voz. Bandeiras.
Temos sonhos organizados.
Queremos um país onde não se matem crianças
que escaparam do frio, da fome, da cola de
sapateiro.
Onde os filhos da margem tenham direito à terra,
ao trabalho, ao pão, ao canto, à dança,
às histórias que povoam nossa imaginação,
às raízes da nossa alegria.
Aprendemos que a construção do Brasil
não será obra apenas de nossas mãos.
Nosso retrato futuro resultará

da desencontrada multiplicação
dos sonhos que desatamos...

S. Paulo, 1994.

POEMA II

A sedução da esfinge

Vimos de fora dos beirais da Casa Grande.
De pedra e cal. Branca e barroca:
banhada em doçura e crueldade.

Não tínhamos “*um pé na senzala*”
como revelam senhores de punhos de renda,
cevados nas tardes de ócio

sobre mesas de jacarandá,
fornadas com alvas toalhas
de renda portuguesa.

Senhores cevados, como outrora,
na carne noturna das negras de eito.
Não tínhamos “*um pé na senzala*”, repito.

Éramos a própria senzala.

Já não somos? Que fizeram de nós?
Que fizemos de nós?

Fixamos, altivos, olhos nos olhos,
a velha esfinge de cinco séculos,
o monstro bifronte:

o açoite, o tronco, o pelourinho,
os cambaus, a marca de ferro no ombro e na alma,
a forca, o sabre, a cabeça cortada, na véspera do levante.

Ou a sutil doçura da poção
que destila a serpente no sangue de sua presa
e lhe envenena os sonhos.

Sobra apenas aquela hipnose,
o deslumbramento
que antecede a morte...

Recusamos a morte e seus labirintos.
Nascemos condenados ao combate.
E se o braço em algum instante

se ergueu num gesto vil

que o outro o desconheça
e a mão com força empunhe a lâmina,

baixe de um golpe o sabre,
extirpe a carne podre
e lance aos abutres.

O sangue vivo do ombro será semente.
Dele nascerá um braço novo, de cristal,
regenerado, ainda no curso da batalha.

Avançamos pântano adentro
pontilhado de armadilhas,
sem regras ou contornos definidos.

Já não há caminhos. Há que traçá-los com a
memória
e a paixão: poeta, me guiam canções antigas,
o clamor das assembleias e as fogueiras dos
acampamentos...

POEMA III

De mosaicos e vitrais

Saltou como vidro a estrela de sonhos
cultivados no lado esquerdo do peito.
O que fazer com o gume vivo,
com os estilhaços dos nossos sonhos,
se quando estendo a mão me ferem os dedos?

Recolho os cacos num pano de seda
vermelho-escuro como bandeira de lágrimas,
que trago de antigas batalhas.

Vazo a tempestade e navego na bruma
rumo a São Bernardo
– cidade de artífices –
como se fora à Bizâncio,
remota cidade de mosaicos e vitrais,
para rejuntar com resinas de sonhos mutilados
os cacos sob uma luz diversa, mediterrânea.

Mágica?

Ou a luz feroz dos maçaricos

que recorta e solda no metal

aquilo que o sonho concebeu?

Mas São Bernardo, não há mais...

exceto a que sobrevive na difusa região do mito.

E Vila Euclides

é apenas uma oficina de abandonos.

Regresso ao lado esquerdo do peito.

E sei que o peito é pasto de ventos e sinos rotos.

As mãos pensas, povoadas de perguntas:

em que latitude da fraturada paisagem do meu país,

encontro as mãos – e a vontade peregrina –

capazes de soldar com o fogo

que brota de dentro do fogo que nos consumiu,

essa atormentada vasilha de pesadelos?

Recompôr a estrela

com a memória e a paixão,

embora daqui do ocaso que me dissolve

com sua sombra, não seja possível distinguir as

mãos

que se dispõem ao árduo ofício de recompô-la.

Recompôr a estrela
ainda que seja para alumiar
outros caminhos apenas esboçados
na planta dos pés de novos caminhantes.
Eles cumprirão os passos
que aos meus pés foram vedados.

Convertida no enigma de um vitral,
a história me interroga:
em que fragmento se oculta agora
a verdade da estrela que acendemos
no coração da tempestade?

Ou já não importa a verdade da estrela antiga?
Para que serve afinal a verdade da estrela antiga?
A verdade da estrela se multiplica
na vasta quinquilharia rejuntada com resinas
de sonhos que não se renderam.
E brilha com uma luz espantada,
recolhida na eterna tensão
entre um e outro fragmento de sonho
capaz de capturar a força oculta
que os olhos dos inimigos não decifram...

POEMA IV

Sobre o exercício do silêncio

Para Marilena Chaui

Tua fala. Meu silêncio.
Tua fala fulgura na tela
da vênus platinada...
Meu silêncio se tece de assombros.
E brilha como faca na indignação dos olhos
que varam meus olhos nessa calçada
de desalentos por onde transito
entre a obscura multidão
dos sustentadores da vida.

Nos diários, tua fala sitia. Cerca. Aniquila.
Pés no chão como raízes,
reorganizo meus silêncios
sob a sombra dos teus fogos
e acendo no coração da semente
a surda condenação de renascer.

Onde dizes Duda Mendonça,
voz que ordena cordeiros cegos,
eu digo Carlito Maia:
o nome da invenção e da rebeldia.

Onde dizes *marketing*:
a mistificação industrial dos pesadelos,
eu digo Henfil:
em nome da irreverência.

Onde vendes sabonetes sorridentes,
sorrisos *close up* esterilizados,
eu exponho a renovadora estética
dos sonhos que libertamos.

Onde vendes *clips* em *slow motion*,
expondo a diáfana prenhez feminina,
grito um verso quebrado, disforme
pela garganta de Mano Brown.

E recupero entre os dedos
os fios da história que teço,
com os cordões de minhas veias
e o sangue desatado onde bebo sob a lua,

a memória e a narrativa dos meus passos.
Recobro a fala e volto à linha de fogo.

2005

POEMA V

A esperança tem os olhos vazados

Quanto mais
deste cais
me aproximo,
menos me reconheço
no menino que fui
ao largar do Porto de partida...

Onde o brilho dos olhos?
Agora baços.
Onde a centelha de sonhos?
Escassos.
Onde a imperfeita cartografia
que indicou o meridiano
quando a tempestade tragou a bússola
que me dava o norte?

Onde a estrela que meus olhos elegeram como guia?
Onde os olhos?

Ainda que sejam os olhos vazados da esperança?
Ou terei mergulhado no avesso
da luz que perseguia
e já não distingo outra paisagem
senão a mesma que um dia
feriu minhas retinas enquanto vigiava
e gritava a dor do meu povo?

E o que fazer com esses sonhos encharcados de
tristeza:
uma tristeza herdada de antigas alegrias
que murcharam sob o sol e o castigo da
tempestade?

Considero a amarga realidade
que assalta meus sentidos,
e eu que era grito e agonia,
agora guardo um silêncio inválido,
de viola sem corda...

POEMA VI

A face desfigurada

Levanto o espelho que me denuncia.
Já não quero a face envolta em véus.
Lavá-lo com a água da palavra
e suspende-lo contra a luz crua
da tragédia que me colheu.
Para mirar este rosto
que esculpimos com mão incerta,
sem os piedosos véus da hipocrisia.

Despertar na pele a contrapelo
aquelas cicatrizes abertas
pelo aço vertiginoso dos dias
– que me golpeia incessante,

feroz –

como se desejasse, por sua vez,
esculpir no meu rosto matinal,
o rosto reflexo de quem me coube na vida

combater.

Reconhecer em cada sulco inscrito na face
ou gravado a *laser* nas pupilas exaustas,
consumidas pelo fogo invisível
dos sonhos que acalentamos,
a oculta cartografia dos passos
que nos conduziram à véspera do abismo.

Durante os anos de estanho e fogo
– anos seguidos de treva espessa –
quando a ordem cercava as luzes da manhã
e elas escapavam pelas frestas
para ferir os olhos delirantes dos poetas,
nos acusavam de assassinos...

Permanecíamos em vigília, aterrorizados
com a possibilidade do sono
e a inevitabilidade dos pesadelos.
Mas na manhã seguinte, os sobreviventes,
mirávamos os algozes com altivez.
Guardávamos uma íntima certeza,
e eles sabiam com aquele ódio cultivado a frio
dentro das câmaras revestidas
por brancas fibras de silêncio:
“você pode me matar, mas não pode me vencer.

Minha morte é a minha vitória sobre sua força”.

De que certezas vou nutrir agora
minha vontade de combater,
tragado no torvelinho
por este vasto pântano de interrogações?

Incorporar as cicatrizes e as sombras
que nos anoiteceram os olhos
e conferiram aos sonhos
a dureza circular das obsessões.
Banha-las com o sal das lágrimas
para que não reste deserto o peito,
e a dor não nos desfigure a face,
e o espelho diante de nós não denuncie
nas linhas do nosso rosto, o rosto do inimigo...

2006

POEMA VII

As sementes da vertigem

A casa de subúrbio para onde regresso,
nessa hora tardia,
banhada por uma lua de lobos feridos,
acolhe o filho ao reverso
como a terna sombra de um útero
que me protege e alimenta.

Giro meus passos para dentro do peito
como quem palmilha os caminhos rotos
de minhas veias
aflitas por buscar de volta
o pulso do coração.

Este baú de lembranças sobre o qual me inclino
em busca de bálsamos, sonhos, bandeiras,
estrelas roídas pelo sal e a ferrugem,
oferece memórias desencontradas:

vastas batalhas, greves, marchas, assembleias,
e os gestos miúdos de quem, na sombra,
plantou, um dia, nos olhos daqueles peões
– lavoura de arco-íris –
as sementes da vertigem.

Com o barro dos dias que recebi
– essa é a minha matéria –
moldo a imperfeita face dos dias
que deixarei para os que vão nascer...
E lembro, talvez para meu consolo,
um verso escrito em tempos sombrios:
“A revolução se fez com os revolucionários
disponíveis.”
Que dimensão terá? Nem maior, nem menor
que o metro das nossas aflições e esperanças...

2007

POEMA VIII

Os invisíveis

Anoitecera o país.
E a noite nos reuniu em volta da forja.
Por anos, atados ao ritmo seco das máquinas.
E já não éramos apenas
os ferreiros que manejavam o fole;
nem os artesãos de obscuras oficinas:
fomos multiplicados pela noite,
aos milhares, na linha de montagem,
invisíveis dentro do uniforme azul.

Anoitecera o país.
E a noite nos dispersou como sementes,
no bico dos pássaros migradores
– envenenados por esse doce travo de esperança –
lançadas ao lombo de ventos e tempestades.
E, noturnamente, germinamos em terra alheia...

Anoitecera o país.
E a noite dissolveu os versos que cantávamos,

denunciando a dor e a sombra,
para nos reduzir a uma nação de mudos.
Mas, tecemos com as pontas dos dedos
a rede de rendas que sustentou
a vertigem dos sonhos
e converteu em gesto
a canção ao ouvido sussurrada...

Amanhecemos o país.
E porque amanhecemos o país
é possível distinguir as cicatrizes
e sombras que carregamos no corpo
e na alma
marcada a ferro pela força
ou pela sutil habilidade
de quem nos coube combater.

Amanhecemos o país.
Recriamos o espaço das ruas.
Ainda sitiados pelo silêncio,
escrevemos no muro a palavra
que sangrava em nossa boca.
Das línguas de terra que cultivamos
entre a cerca e a morte no asfalto,

ocupamos a terra ociosa
e sentamos à mesa dos palácios:
e perdemos a inocência.

Onde se ocultam os cordões da rede tecida
pelos sonhos de Dorcelina Folador
ou pelo quotidiano humilde
moldado no barro pelas mãos de Margarida Alves?
Quem, a essa hora, pode alumiar
a pedra que guarda a memória dos nomes
em nome de quem desembarcamos aqui?

2007

POEMA IX

Nós, os primitivos

Fomos conduzidos ao pelourinho das palavras.
Ao açoite público sob a luz impiedosa da tarde.
Arrastados pelas ruas.
Atados às patas dos cavalos.

O sangue, o sal, a carne em postas,
exposta ao sol para o horror dos olhos:
a aterradora pedagogia do medo
gritando no alto dos postes da imensa Vila Rica.

De onde brota a sinistra raiz desse ódio?
Do édito
– que não concebe a recusa.
Dos punhos de renda
– que rejeitam a mão que a moenda mastigou.
Do senhor
– que não tolera o gesto insubmisso.

Da voz

– que arma a mão do feitor.

Essa que maneja a lava da palavra
e dissolve com seu fogo os passos que cumprimos.
Sonham, senhores e áulicos, nos converter em
 cinzas
e nos lançar aos ventos definitivos.

Mas, dobramos a esquina e nos recompomos
na voz de um peão
que ecoa a força dos séculos,
na pedra da praça e nos redime.

Sitiados pelo silêncio
– o silêncio aqui são os rios da palavra morta
ditada à diário ante os nossos olhos –
rompemos o submisso idioma do conformismo.
Invadimos a terra cercada e os espaços do mando.

Recriamos o espaço das ruas
(e das redes virtuais que a ordem não captura...)
carregamos pelas ruas bandeiras de liberdade.
Desafiamos o pelourinho.

Já não dobramos o dorso,
já não baixamos os olhos.
Com o corpo coberto de cicatrizes,
portando estrelas no peito,
nos olhos a invencível vocação de mar,
nós, os primitivos,
voltamos
e somos milhões.

2006

OS NOMES

Apolonio de Carvalho | Adão Pretto | Chico
Mendes | Luiz Gushiken | Apoena Meireles | Tomás
Balduino | Celso Pereira | Margarida Alves |
Dorcelina Folador | Alexandre Vannucchi Leme |
Eduardo Bacuri Collen Leite | Vladimir Herzog
| José Porfírio | Crioulo | Osvaldão Orlando
Costa | Carlos Marighella | Aurora Furtado |
Ana Maria Correa | Gastone Beltrão | Dinalva
Oliveira | Carlos Lamarca | Ana Rosa Kucinski
| Joaquim Câmara Ferreira | Luiz José da
Cunha | Yuri Xavier Pereira | Mário Alves |
Santo Dias | Pe. João Bosco Burnier | Ana
Maria Nacionovic | Manoel Fiel Filho | Dom Oscar
Romero | Antônio Benetazzo | Soledad Barrett |

POEMA X

Nessa hora de cinzas...

Para Apolônio de Carvalho

Hoje, quando a primavera pública reclama
teu corpo para manter acesa
a explosão das flores e fecundar
a vertiginosa aventura da vida,
indago dos ipês deste setembro:
“Vale a pena sonhar?”

E recolho nas sombras da memória
onde oculto meus fantasmas
a urgente caligrafia dos relâmpagos
com que você redigiu sua resposta:
“Vale a pena sonhar.”

Tardio, deixo sobre teu coração
arado pelas batalhas do século,
como a última folha

do inverno que se despede
para ceder ao broto
– lágrima de lua nova –
destilada pelo tronco
durante o vasto sono dos cerrados,
um verso antigo, dito em voz baixa,
diante da luz maravilhada dos teus olhos.

Talvez já estivesse escrito
– e não sabemos –
pelas mãos invisíveis do poeta
que nos habita o sangue,
nos muros de uma cela na Rua da Relação;
nas encostas do Vale do Ebro;
numa esquina sombria de Toulouse ocupada;
num calabouço da Barão de Mesquita
ou nas páginas de um Livro da Atas, no Colégio
Sion:

“Nessa hora de cinzas e sonhos devastados,
recolher nas mãos aquela estrela
que entre as dobras da sombra
se revela
e acender a metade humana

que combate e combatendo recria,
apaixonadamente,
a utopia.”

POEMA XI

Há uma gaita que geme e desafia

Para o companheiro Adão Preto

Filho do barro
e da esperança: Adão.

Pai da palavra,
da trova, do canto,
apoiado na gaita e na invenção.

Regressas ao barro,
na estação das chuvas,
como quem fecunda...
por uma última vez.

Levas no corpo que baixa sobre o pampa
– e se enterra com a lágrima
de teus irmãos e amores e filhos e sonhos –
a surda condição da semente.

Em que madrugada
o corpo de Adão Preto
se apartou do barro
e se fez vagido, grito, palavra, canto?

Em que marcha as foices
levantaram a vontade da manhã,
acenderam a luz azul dos seus olhos
e desataram o rio da palavra
que brotou de sua garganta?

Havia uma cruz e uma encruzilhada.
Havia frio. E medo.
E a morte dos anjos.
Havia panos brancos sobre os braços da cruz
como bandeiras de paz.
Para que não se extravie a memória dos anjos.

Havia medo.
E a palavra como centelha
acendendo no acampamento
uma canção de coragem.
Ouvidos que ouvem e olhos que brilham
contra a tarde de cinzas.

Há uma gaita que geme e desafia.
Sempre haverá
enquanto houver ouvidos
que acolham e desafiem a ordem,
o medo, a submissão.

Não houve tempo para colher a sementeira.
Mas houve tempo suficiente para erguer os olhos
e deixá-los contemplar a bandeira vermelha
– sinal de terra livre –
no portal dos assentamentos.

Há uma gaita que geme e desafia
a ordem, o medo, a submissão.
A gaita de Adão Preto
desafia o silêncio.

Brasília, 05 de fevereiro de 2009.

POEMA XII

Um Grito Verde que anda

Para Chico Mendes

Era vermelho, desde sempre,
o sangue do verde sonho...
ouvimos numa tarde de dezembro
quando se calou sua voz
e soubemos, que certas vozes
só são ouvidas quando se calam...

*(Francisco. Chico. Chico Mendes.
Seringa. Seringueiro. Seringal.
Legião de homens e sonhos.
Verde rompendo o verde.
Punhal aceso na memória
da água, da pedra, da madeira.
Dos homens?
A sumaúma, a seringueira,
a pedra do Monte Roraima,*

*o sangue que mina do tronco
nos seringais de Xapuri indagam:
por onde anda a sombra exilada
de Chico Mendes?*

*Organizador dos ventos gerais
que combatem depois das cercas,
de todas as cercas da terra...*

Chico: um grito verde que não cessa.) (Dez. 1988)

O estampido ecoou em torno do planeta
como se desatasse a idade dos limites.
E percebemos que havia um planeta a cuidar.
E mirando no espelho de nossa dor
entendemos – tardiamente – que certas vozes
são melhor ouvidas quando se calam...

À medida que o tempo afasta o estampido
torna mais clara a palavra deixada sobre o ladrilho:
“Então, eu quero viver”...
Ainda que a vida me falte...

Prolongo no tempo a voz que se despede:
vem navegar comigo as veias do continente,
onde o fogo converte o verde em carvão,

onde se fervem metais
e se abandonam crateras lunares,
onde se destrói o desconhecido.

Amazônia: esse desconhecido,
nos envolve, cerca, sitia,
desafia a remota sensibilidade
que nos resta: serei o último lugar
do planeta onde a humanidade
pode ainda traçar seu destino comum
ou sucumbir...

Será vermelha a seiva
que sustenta a árvore deste sonho
que só nos abandona quando dormimos...

Brasília, dezembro 2008, vinte anos depois.

POEMA XIII

Samurai*Para Luiz Gushiken*

A palavra e a espada.
Há uma espada na sala do Samurai.
Pousada sobre o silêncio da madeira.
E uma aguda noção de honra.

A palavra disparada em descargas curtas
traía o vulcão sob a neve.
Ensajava um exercício barroco
incapaz de traduzir
– por escasso –
a multidão dos sonhos
que manteve este homem
de pé diante da dor e sereno diante da morte.

Deposito sobre a terra do teu peito devastado
este ramo de ipê coroado de branco

para cantar com as cerejeiras ancestrais
a eternidade fugaz de tua vida
agora entre ao silêncio acolhedor
do meu verso e do meu coração.

Aqui repousa, dentro do meu peito,
libertado da dor e do cansaço
o que não se deteve diante da infâmia.
*A 'surda força dos vermes'*³
tão estridente neste país,
não alterou a serenidade
ou a vocação da semente
que agora deixa de pulsar.

Aqui repousa a espada de sonhos
do companheiro Luiz Gushiken:
metal colhido pela réstia de luz
que se evade pela janela
de nossa indignação...

Brasília, 2013.

3. Meireles, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

POEMA XIV

Apoena

Para o indigenista Apoena Meireles

Apoena regressa ao silêncio.
E o silêncio o acolhe
pelo portal de uma algaravia
esculpida nos ossos da dor.

Uma algaravia aguda
feito ponta de flecha
a ferir o peito dos guerreiros Xavante
que um dia lhe deram o nome
e agora o recolhem a caminho da cinza.

Curvados sobre o corpo,
já deserto de sentidos,
lhes sobe desde a medula
um uivo de logos cegos
abandonados de lua:

qual o sentido do estanho,
do chumbo que alcançou
o coração deste homem
varado peito adentro?

Qual o sentido das cédulas
que lhe caíram das mãos
senão o de ocultar
a raiz mais funda de sua morte?

Qual o sentido da vida de quem nasceu
votado à raça de bronze
e a ela, dia trás dia de marcha,
entregou seus crepúsculos?

Qual o sentido dessa morte
que golpeia o coração escondido do país
como zagaia incandescente,
uma pergunta uma indignação:

que destino de cinzas e diamantes
se tece na morte deste homem,
que conduziu seus passos,

numa rua de Porto Velho,
a cumprir um encontro que não marcou?

Diante do espelho quebrado
que a morte de Apoena
ergue diante dos meus olhos
a cara do país se parte:

somos cacos de um mosaico
de cinco séculos
laborioso e trágico
que sempre, ao fim da tarde,
nos deverá algum ladrilho...

Outubro, 2004.

POEMA XV

Tomás

Calou-se a voz de Tomás Balduino,
nessa noite de 2 de maio.
Uma voz que nunca quis ser sozinha,
sabia desde os anos de chumbo:
uma voz solitária não suspende a manhã.

Quis ser uma voz entre vozes,
ergueu sua voz dentro do vasto coro dos oprimidos:
os índios, os posseiros, os lavradores,
retirantes da seca e da cerca
e os que se levantam contra elas.
As mulheres, os negros, os migrantes,
os peregrinos
para forçar claridades,
para ensinar amanhecer.

Tomás é a palavra.
A palavra que banha como bálsamo.

A palavra que fustiga.
Incendeia.
A palavra que perdoa, mas aponta
– sempre –
o caminho da Justiça.
E o que somos na vida?
Somos os ossos das palavras
que povoam o caminho de pedra ou flores
que sangram os pés dos nossos filhos.

Tomás é sertão.
O sertão e suas armadilhas.
O sertão e suas infinitas contradições.
Tomás é sertão,
onde se dobram os ventos de Goiás
e Minas, onde nascem águas
nessa infinita geografia
que alimenta nossas esperanças.

Calou-se a voz de Tomás Balduino.
Permanecerá sua palavra.
Tomás é sertão:
gesto de fé nessa gente que não se dobra.

Brasília, 2 de maio de 2014.

POEMA XVI

Pranto por Celso Pereira

Palmilhar o pó
e o silêncio sob o sol
que afasta as pessoas
para o alívio da proteção
barroca e suave
dos casarões às três da tarde.

Contemplo o perfil curvado
que se move
e o sol:
um homem e sua solidão.

Há nesse homem que contemplo
um sentido de missão,
raro,
que não se percebe de longe.

É necessário acercar-se dele
para entender por que caminha lento,

levemente inclinado,
para conviver com os incômodos da coluna.

Nada leva nas mãos.
Leva no peito um impulso,
um sopro de coragem,
uma palavra leve,
imprevisível, desconcertante,
capaz de libertar pelo riso
o coração dos aflitos,
dos que sofrem,
das mães que miram o horizonte
buscando na sombra dos ocasos
o vulto dos filhos que não regressam:
os perseguidos pela tirania
que aboliu nossas esperanças,
os peões de trecho
que o trabalho escravo capturou,
os despejados da terra
que já não tem para onde regressar...

Quando deixa a soleira dos casarões,
deposita sobre o peito dos visitados,
o bálsamo que alivia

e leva consigo parte daquela dor
para dissipá-la como cinza
sobre o silêncio das águas desse rio
que vigia e chora.

O mesmo rio nos batizou
geração pós geração
(e nunca é o mesmo rio),
e nos marca a vida e a morte
com o fogo definitivo de suas águas.

A pedra amorosa, escura, da Catedral,
lapidada a poder de suor e sonho
de negros e beatos,
acolha palavra, silêncio e pranto
por esse homem, Celso Pereira,
que se afasta na direção da cinza
e se converte em parte de todos nós.

Brasília, maio de 2014.

POEMA XVII

Um par de sandálias para o peregrino*Para Pedro Casaldáliga*

Um par de sandálias para o peregrino.
Seja quem for o peregrino que nos vem.
Um par de sandálias para proteger-lhe
os pés da áspera pedra dos caminhos.
Rústicas, recortadas em couro e utopias.
Trabalhadas pelas mãos de perseguidos
que lavram, na sombra a árdua matéria dos dias.

(Na larga história do tempo
a noite, sem saber, foi condenada
ao círculo perfeito da agonia:
mãe e coveira da manhã anunciada.)

Recolhemos sonhos, dores, esperanças,
polimos penas, tormentos, fúrias
e o impulso elementar de liberdade
que orientam os passos desses estranho peregrino.

Buscam o martírio? O martírio não se busca,
se vive como se vive

“la muerte que da sentido a mi vida...”

Percorrerão o pó dos caminhos,
a vasta cartografia do drama urdido
pelos filhos do êxodo e da miragem.

Por nossas mãos que trabalharam
o couro, a borracha, as fivelas,
a fugitiva parcela de sonhos que cultivamos,
as sandálias do peregrino vão palmilhar
os desertos da alma, a dor e a impossível alegria do
povo

para oferecer o bálsamo da palavra
e, quem sabe, os leites minados da lua
para nutrir como seiva
a esperança que nos mantém pulsando.

E para repetir com ele:

“me atengo a lo dicho: la esperanza”.

Presídio do Carandiru, 1974.

OUTONO



Jornada - dia 13 de junho de 2013, em São Paulo. Crédito de Sérgio Silva.

POEMA XVIII

Sem rosto

Estendo as mãos para tocar
a matéria indecifrável desses dias.
Sem contornos delineados.
Sem pauta por onde flua
a cadência da melodia
que alfabetizou meus ouvidos.
Sem um rosto reconhecível pelo tato,
pela gema dos dedos.
Sem um grito desmesurado
que unifique e conjugue
o verbo da revolta.

Como um cego atento ao contorno,
à temperatura do corpo
ou do objeto
que apalpa, cerca, acaricia,
para melhor descrever,
estendo as mãos.

Haverá, e não sabemos,
um rosto em forma de mosaico,
inconcluso ainda,
que simultaneamente se volta
para a esquerda, para a direita
em busca do relâmpago
e nos desconcerta?

Embaralha os códigos puídos
que até aqui me valeram
para capturar o rio do real que vaza
diante dos meus sentidos
e nada o detém?...

Me afasto sob o peso das perguntas
que ainda não alcançaram a sintaxe
mas forçam como lava incandescente
as paredes do vulcão...

Brasília, 01 de agosto de 2013.

POEMA XIX

A medida do verso

Mergulho na indignação.
Essa que incendiou cidades à noite passada.
A que se derrama como um rio de planície,
avesso a regras, margens, previsões.
Mergulho no rio da indignação: para decifrá-lo.

Busco recobrar a remota humanidade
que nutriu as metáforas com que lavrei
o testemunho dos tempos que percorri.
Para encontrar o verbo
– o verso –
fragmentado,
capaz de dar conta
da vertigem que nos assalta.

Que verso afinal definirá
o contorno da vertigem?
Talvez o relâmpago

desses dias que nos cegam
reclame um verso
– precário instrumento de capturar espantos –
que seja novo o suficiente
para atribuir a ele o impulso
de voar além
dos árduos labirintos da razão...

Brasília, agosto de 2013.

POEMA XX

A gaiola virtual

Sobreviverá a razão ao instantâneo?
À urgência implacável de viver
e no mesmo relâmpago fotografar o vivido?

Estará a razão atada à palavra
e mergulhamos sem volta
na civilização da imagem
e renunciamos
de vez ao pensamento?

Fechamos a porta
da gaiola circular
que aboliu o passado e o futuro?

Essa gaiola virtual
onde fomos encarcerados
num presente contínuo,
que não escapa de si mesmo,

condenado vertiginosamente
a repetir-se?

Brasília, agosto de 2013.

POEMA XXI

Nós somos a cidade

A cidade se move. Bruta.
Como um sangue novo,
envenenado por maciças doses
de esperanças,
forçando a esclerose das veias.

A cidade se bate contra
as paredes da cidade.
A cidade fere.
A cidade vai parir outra cidade?

Os muros da cidade gritam
um silêncio líquido que escorre
e se prolonga
pichado sobre tijolos nus

ou impressos na retina da classe
de gente que passa,

indiferente,
em busca do trabalho,
na manhã seguinte.

Sangram os muros da cidade
os hieróglifos indecifráveis
dos desejos explosivos da cidade.

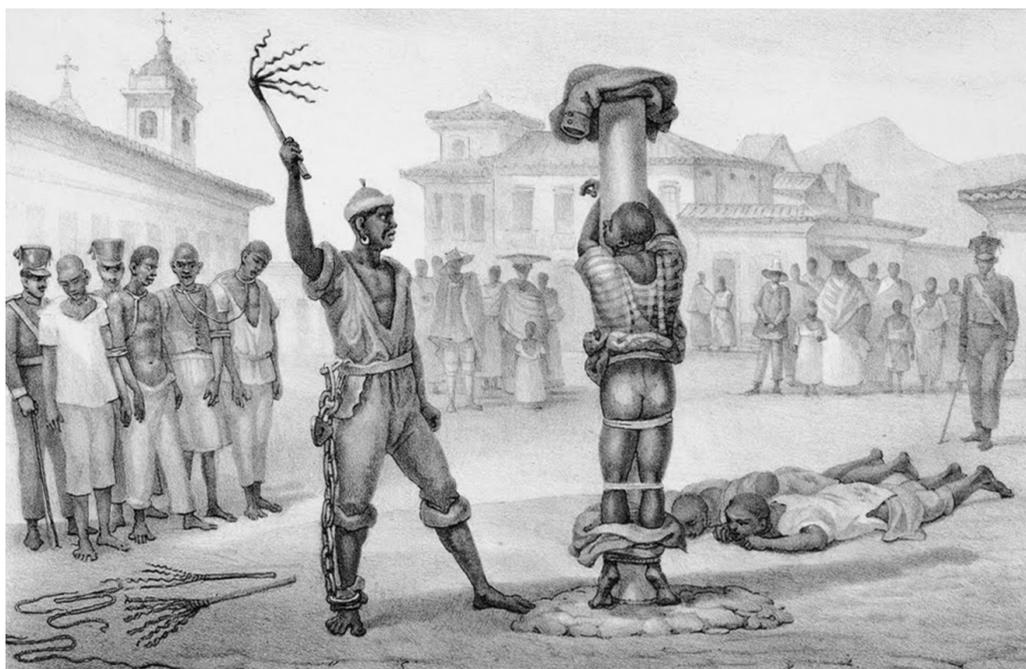
A cidade foi capturada
pelos inimigos do horizonte.
Pelos que roubam definitivamente
o horizonte
dos construtores da cidade.

A cidade se submeter?

A cidade acende fogueiras
para anunciar
a idade dos incêndios...

Brasília, agosto de 2013

A ESTRELA IMPERFEITA



Açoite em praça pública. Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1835).

POEMA XXII

500 anos esta noite

De onde vem essa mulher
que nos bate à porta 500 anos depois?
Reconheço esse rosto estampado
em pano e bandeiras e lhes digo:
vem da madrugada que acendemos
no coração da noite.

De onde vem essa mulher
que bate às portas do país dos patriarcas
em nome dos que estavam famintos
e agora têm pão e trabalho?
Reconheço esse rosto e lhes digo:
vem dos rios subterrâneos da esperança,
que fecundaram o trigo e fermentaram o pão.

De onde vem essa mulher que apedrejam,
mas não se detém,
protegida pelas mãos aflitas do povo

que invadiu os espaços de mando?
Reconheço esse rosto e lhes digo:
vem do lado esquerdo do peito.

Por minha boca de clamores e silêncios
ecoe a voz da geração insubmissa
para contar sob o sol da praça
aos que nasceram e aos que nascerão
de onde vem essa mulher.
Que rosto tem, que sonhos traz?

Não me falte agora a palavra que retive
ou que iludiu a fúria dos carrascos
durante o tempo sombrio
que nos coube combater.

Filha do espanto e da indignação,
vem da luz do olhar que recusa a indiferença
diante da fartura e da fome.
Filha da liberdade e da coragem,
escolheu o alarido das ruas,
ao silêncio dos quartéis.
Recortado o rosto e o riso como centelha:
metal e flor, madeira e memória.

No continente de esporas de prata
e rebenque
o sonho dissolve a treva espessa,
expões os cambaus, a brutalidade, o pelourinho,
afasta a força que sufoca e silencia
séculos de alcova, estupro e tirania
e lança luz sobre o rosto dessa mulher
que bate às portas do nosso coração.

As mãos do metalúrgico,
as mãos da multidão inumerável
moldaram na doçura do barro
e no metal oculto dos sonhos
a vontade e a têmpera
para disputar o país.

Dilma se aparta da luz
que esculpiu seu rosto
ante os olhos da multidão
para disputar o país,
para governar o país.

Brasília, 31 de outubro de 2010.

POEMA XXIII

A hora da infâmia

Sob a tela fina do chapéu Panamá,
mal distingo os olhos,
talvez apenas o brilho de punhais
agora embainhados na fala mansa do patriarca
que ressoa na varanda:

“– Áspero é o exercício do mando.

Penosas são as escolhas.

Herdeiro de muitos atalhos,

venho de boa fortuna e fé,

senhor de terras e gentes,

herdadas do avô do meu avô,

entre Luanda, Cabinda e Guiné,

por Tumbeiros, sobre o Atlântico,

até o cais do Valongo.

Homem de boa paz e cortesia,

amante da ordem. Temente a Deus.

*Miro teus olhos e indago:
Como açoitar quem te enxuga o suor,
banha teu corpo ao fim da tarde,
na hora do cansaço,
troca meus panos,
lança fora meus dejetos,
amamenta meu filho
que nasceu de ventre branco?*

*Como levantar a mão
se cada golpe do açoite
sinto-o em minha própria carne?*

*Para enfrentar a ferocidade do gentio,
espero que compreenda...,
necessário é fazer-se feroz.
Mais feroz do que os bárbaros
que me cercam com olhar submisso,
coando o impulso,
para sorver com boca estreita,
o intenso mel da vingança.*

*Para que minha mão iluda a dor
que numa tocaia retorna
e me alcança o peito na insônia,*

*armo a mão do feitor, afeita ao trato:
mulato ou negro de outra linhagem.*

*Assim, armo as mãos de Joaquim,
negras, para cobrir
com sua sombra de séculos
a alvura de minhas mãos.
E baixar o látigo sobre o lombo
dos que se atreveram a sonhar
com a posse do mando,
como se fosse possível...*

*Armo a mão de Joaquim,
como numa tela de Debret,
para corrigir a insubmissão.
Fustigar a preguiça. Impor o trabalho.
Produzir açúcar, faiscar ouro, colher café.
Para não prosperar a vadiação.
Os santos e os dias santos.
O samba. A capoeira.
A folga. A festa. O funk.*

*Armo a mão de Joaquim,
como numa tela de Debret,*

*porque o medo é o remédio.
O medo da dor. O medo da morte.
Só o medo da morte os detém.
Embora nem sempre os detenha...*

*Armo as mãos de Joaquim,
como numa tela de Debret
e com elas modelo os instrumentos
para produzir o medo
de acordo com o grau do deslante, da rebeldia:
o tronco, a palmatória, o rebenque,
o pelourinho, os cambaus,
uma cuidadosa hierarquia..."*

Senhores de punhos de renda
cultivam nesse quadrante,
no conforto das varandas,
ao longo de cinco séculos,
um macabro costume:
esquartejar quem se levanta.

(Deixo diante dos seus olhos
essa narrativa
que vaza pra fora do verso.

Ditada pela métrica da morte):

- A cabeça de Zumbi, chefe dos escravos
aquilombados em Palmares, foi exibida no alto
de um poste, por ordem de Domingos Jorge
Velho, eficiente assassino de negros e índios, a
soldo do governador de Pernambuco, no Largo
do Carmo, no Recife, no ocaso do século XVII;
// em 1720, Felipe dos Santos teve o corpo atado
às patas dos cavalos que o despedaçaram por se
recusar a pagar impostos à Coroa portuguesa;
// em 1792 o corpo do Tiradentes foi esquartejado
e exposto em postes ao longo da estrada que
ligava o Rio de Janeiro às Minas Gerais;
// a cabeça de Antônio Conselheiro, místico
condutor da revolta de Canudos, foi apartada
do corpo em 1897, e durante quase um século,
exposta à curiosidade pública num museu da
Bahia;
// o mesmo ocorreu com Lampião, Maria Bonita e
seus cangaceiros, emboscados nos Angicos, em
1938;
// na segunda metade do século XX, durante os
anos da ditadura militar, registraram-se casos

de esquartejamento e decapitação, David Capistrano na Casa da Morte, em Petrópolis e Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, em São Geraldo do Araguaia, no sul do Pará, entre 1972 e 1974).

Impedidas pela reconstrução da Democracia de dedicar-se a esse exercício bizarro para calar seus adversários, os herdeiros dos senhores de escravos se entregam nessa etapa da História ao esquartejamento moral dos opositores, servindo-se do machado cego da mídia corporativa.

Brasília, agosto de 2014.

POEMA XXIV

**Arrebentar para a luz como
as constelações**

Guardada no peito trago uma estrela imperfeita...

Recompôs-se o cristal da esperança.
Agora, retornar ao persa antigo e seus mosaicos.
À minuciosa tarefa de compor mosaicos:
decifrar a quinquilharia de sonhos desencontrados.
Aprender com os vitrais o precário equilíbrio
que capturam
da luz fugidia que filtram da tarde...
e com ela esboçar
o incerto desenho do nosso rosto futuro.

Partiu-se o vaso concebido para a perfeição.
Era grego ou marajoara, o vaso?
A impossível transparência, buscava?
Buscava a conflitiva harmonia da Ágora

(assentada, outra vez,
sobre os vastos ombros da escravaria?)

Não. Forçamos a passagem
pelos portais da Casa Grande.
Ruidosos. Incômodos. Falando alto,
talvez para nos despedirmos
definitivamente de séculos de silêncio.
Invadimos as conversas antes plácidas, privativas.
Saboreadas com licores antigos,
na varanda dos sobrados.
Viemos para ficar. Desastrados. Turbulentos.

O vaso guardava veneno ou vinho?
Vinho e veneno,
o vaso (humano) imperfeito...

O futuro será de pedra sabão
de onde as mãos do Aleijadinho
extraíram a face suprema do barroco?
Sim e não. O futuro é o vento.
É o relâmpago que não cessa.
O futuro é a tempestade que desatamos.
É a plana superfície virtual

que se constitui e se dissolve
ao toque dos dedos.

Com que palavras extrair
da fugidia face do relâmpago
a poesia do futuro?

Arrebentar para a luz como as constelações
para ferir de morte a noite que nos sitia...

Brasília, 2010/14.

CONTRA SEU VENTRE NASCEMOS



Prisão de Lula, dia 7 de abril de 2018 - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - Foto de Paulo Pinto

POEMA XXV

Contra seu ventre, nascemos...

*(Para ser lido em voz alta nas vigílias
em defesa da Democracia)*

I.

Armazém das utopias. Cais do Porto.
Descrevemos uma larga parábola
como se desenhássemos a cartografia
de um improvável regresso
ao que fomos um dia (e já não somos)
ao largar do porto de partida:
um chão de fábrica,
um remoto campo de futebol.

Aqui estamos num verão tardio
sobre esse chão castigado por séculos de suor.
Salgado pelos pés de negros e estivadores.
Os rostos marcados por tantas batalhas.

E essa luz de estrelas,
talvez extintas,
nos fere o coração mais uma vez.

Envolvido pela algaravia de vozes,
pelo calor dos corpos,
esperanças e enganos que me cercam,
teço com os dedos do espírito,
num relâmpago,
como na tela plana de um computador,
essa íntima geografia de tempo e silêncio
por onde miro as sólidas estruturas de ferro,
tijolo
e sonhos
que nos abrigam, por um momento,
da ferocidade dos inimigos.

Contemplo a fria lâmina dos ódios
que desatamos.
Temperada por séculos no fogo lento
dos banguês, das caldeiras
desse engenho tropical de mando
movido à surda força de espora e rebenque
e penso:

outra estrela recolhida
no estoque infinito de utopias,
renascemos...

II.

Que a cidade possa nos ouvir
desde o Cais do Valongo.
Que o país possa nos ouvir
pela voz sobrevivente de João Cândido,
um dia enterrado em cal virgem.

Renasce aqui o rumor das ruas
entre a canção e o grito
que desata de dentro das veias
para alcançar os ouvidos da multidão
anestesiados pela Hidra de Lerna
ou do Jardim Botânico? Pergunto.

Será esse o lugar
onde viemos beber canções
pisadas pelos pés de negros,
guiados pela batida dos tamborins,
que se ouvem nos becos da Lapa,

nos morros da Providência e da Conceição
para retomar a marcha?
Aprendemos nos Pelourinhos
que não se palmilha
desertos tão vastos, sem recuos.
Sem erros na rota que traçamos
e o vento varreu do areal durante a noite.
Sem traições, desvios, vilanias.
Sem as perdas de muitos
que a tempestade apartou de nós.

Sei, desde tempos subterrâneos,
que não estão vendados os olhos da Justiça.
Que Justiça pode fazer a justiça de um a só face?
Que Justiça pode fazer a justiça de classe?
Mira com um olho só
a justiça dos meninos de granja.

Invocamos nossos santos e orixás,
nossos combatentes e sua memória
para redesenhar o percurso.
Repercute no peito o som do surdo.
Ecoa a cadência de um samba antigo,
sempre novo, para alimentar

esse delírio que nos assalta a medula:
fomos condenados à liberdade.
Seguiremos proscritos
por uma ordem sem remédio.
Alimentados pela voz rouca do peão
que não se dobra ao açoite.

Devo curvar-me até ao chão
para recolher os estilhaços da estrela,
a palavra e o sal
que sustentam nossas dúvidas
e nossas certezas:
não seremos expulsos do tempo
que nos coube viver.

Contemplo vigas tijolos, palavras.
Os rostos. Os corações abertos.
As cores, os abraços. As lágrimas.
Os olhos das pessoas inundados
pelo sublime veneno da esperança.

Estamos de pé,
para retomar a marcha interrompida.
Agora é a vigília.

Agora é a rua, a praça, os becos, os morros, os cais,
os corações.

O chão da fábrica, o assédio à cerca do latifúndio.
As escolas ocupadas pelos que nasceram depois de
nós.

A guerrilha digital contra a acidez do ódio
que sonha dissolver a invencível alegria de nossa
gente.

Acreditem, os sonhos do ódio não vingam.

Rio, 27/02/2016

Brasília, 10/03/2016.

POEMA XXVI

Uma canção para 24 de janeiro
(à maneira dos cantadores nordestinos)

Onde eles dizem paz,
eu digo Justiça.

Onde eles dizem Justiça,
eu digo caça.

Onde exibem convicções,
exijo provas.

Onde impõem silêncio,
entoo canções.

Enquanto lustram algemas,
invento caravanas.

Onde defendem mercado,
afirmo pátria.

Onde dizem casta,
afirmo classe.

Onde erguem o Tribunal,
convoco a praça.

Onde dizem ordem,
eu digo Liberdade!

Não me venham com crepúsculos
que chego armado de auroras
para reacender as cinzas
do nosso vasto coração...

Brasília, estação das chuvas e do plantio, 2018.

POEMA XXVII

A Noite chegou tarde

*“Você me prende vivo, eu escapo morto.
De repente, olha eu de novo...
perturbando a paz, exigindo o troco...”*
Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro.

O reverso da madrugada bate à tua porta.
Mais uma vez. Como há quarenta anos.
Com o nó dos dedos desta Noite
que insiste em revogar os códigos do tempo
e prolonga sua aspiração à eternidade.

Há quarenta anos vem polindo algemas.
Com os olhos atentos
de quem te acompanha
por tantos desertos,
em tantas batalhas,
acendo a suspeita:

a Noite chegou tarde
ao encontro que todos esperavam...

A esta altura, você já é
a própria madrugada,
luz intangível que emana
para alimentar esperanças:

Impossível cercar com algemas
os pulsos da madrugada.

Homens vestidos de preto,
sob as ordens de outros tantos,
igualmente vestidos de preto
te conduzem a Curitiba.
Julgam que você lê um livro
no silêncio da cela. E se enganam.
Você está no alto da página de um jornal,
em Nova Iorque, sob a neblina de Londres,
aos pés de Luís de Camões, em Lisboa,
na *Puerta del Sol*, em Madri.

Não suspeitam, os homens de preto,
que a Universidade de Rosário

te confere nessa hora
o título de *Doutor Honoris Causa...*

Você desembarca em Roma,
Berlim, Moscou ou no alarido de Beijing...
Anda por uma rua de Paris
que se despede do inverno,
acenando flores ainda indecisas
para tecer a irrevogável primavera
que se anuncia.

Você roda pelo sul do país,
sob o fogo das carabinas
ou no Eixo Norte da transposição,
rebatizado em Monteiro, na Paraíba.
Ali por tuas mãos
o São Francisco lança água
e esperança
nos olhos de teus irmãos.

Você chama o país a S. Bernardo,
para devolver S. Bernardo ao país:
os sentidos de S. Bernardo,
os sonhos de S. Bernardo.

E avisa:

“não se aprisionam os nossos sonhos”.

Hoje você foi visto, finalmente...
agitando bandeiras na cobertura
de um certo triplex, no Guarujá...
e expôs a fraude da sentença
que te condena
e a verdade que te absolverá.
A vida é breve para uma luta tão longa.
Não basta uma vida para tantas batalhas.
“Dez vidas eu tivesse, dez vidas eu daria...”
repetem há 200 anos as montanhas de Minas...
A vida, há que multiplica-la por tantos
quantos forem teus filhos vivos.

Nossa palavra será teu alimento.
Devolvemos a você,
raiz e destino de nossas esperanças,
a força de tua voz rouca
que nos ecoa no coração,
com a ternura rabiscada na letra incerta
das crianças, dos peões ou das mulheres do povo
que te escrevem – garrafas ao mar... –

mensagens de acender
amor em dias de indignação.

Amar em tempos sombrios,
nos ensina a soprar sob as cinzas
as brasas sagradas da cólera...

Acampamento “*Lula Livre*”, Brasília,
antevéspera do 21 de abril de 2018.

POEMA XXVIII

Oficina para uma condenação

I.

Sob a toga a mão sinistra lavra
a sentença previamente redigida
a ferro e fogo desde séculos entalhada
nas tábuas invisíveis do costume:

*“ – Aqui não haverá contemplação
com a rebeldia de quem
contra essa ordem se levanta,
em nome do rebanho dos malditos,
deserdados da raça e da fortuna”.*

A majestade da toga
finamente recortada
pela tesoura das noites e dos dias,
perfeita para vestir
o cadáver embalsamado da Justiça

e revelei uma cara
que não queríamos conhecer.

De tanto repetir-me,
diante da luz
que cega o país,
tornei-me esse espelho
que atormenta
o sono dos escravocratas.

Sou o rosto dos invisíveis
que invadiu os espaços
dos aeroportos,
mas não ocupou
o silêncio seminal
das bibliotecas...

III.

Porque sou o rosto
da multidão dos saqueados,
estou aqui.

Por que sou a reinvenção

do arco-íris,
estou aqui.

Porque sou o rio
de esperança que espanta
o agreste e a caatinga,
estou aqui.

Porque sou o sal que sonhei
para nutrir a vida do meu povo,
estou aqui.

Porque sou a impossível tempestade
que forçou os alicerces da Casa Grande,
estou aqui.

Subo ao patíbulo
e levo comigo
os juízes que me condenam.

Brasília, 1º de maio de 2018.

POEMA XXIX

O Dia dos Insurgentes

(Aos que pararam o Brasil na Greve Geral de
28 de abril de 2017... 14 de junho de 2019...)

*“A um gesto seu, laborioso, o silêncio baixa sobre as
cidades. E tudo o que antes se movia, estanca.
Quando assim deseja sua mão poderosa.”*

O sol se levanta sobre cidades vazias.
Hoje, a imagem virtual se faz gesto.
Concreto, corporal, denso:
na praça, na estação cerrada,
na moenda que não gira
para esgotar o suor do corpo.

Não há voos. Só o dos pássaros.
Sem as mãos do petroleiro
o óleo não brota do mar.

Da linha de montagem, em silêncio,
hoje não sairá uma única unidade.

A composição não rola
sobre os trilhos
para conduzir os submissos
ao posto onde consomem
um dia dentro de outro dia
a vida gris que lhes coube.

Os dedos incontáveis da multidão
de carne, ossos e sonhos prendem
o espesso tecido de nossas esperanças
que agora se estendem sobre a cartografia
do país: bandeira desatada
à maneira das chuvas de março.

Sobe desde a raiz da indignação
a seiva bruta que alimenta
o primitivo sentido de justiça
e nos faz a todos insurgentes

contra a ordem da delação, da vilania,
do engano, da traição, da hipocrisia.

Contra a lógica de choque dos assaltantes
que nos saqueiam a casa antes que amanheça.

Sementes de fogo iluminam avenidas desertas.
Contribuem talvez para dissipar a noite
e suspender a manhã que anunciamos.
Não vamos, em nome da paz,
– porque não haverá paz para os saqueadores –
domar a vontade de fazer em pedaços
a república que funda seus alicerces
sobre o pântano das delações.

Que se liberte o fogo,
onde o fogo for necessário
para que ouçam a voz
dos que sacodem,
ainda inocentes de sua força,
as estruturas dessa edificação,
em véspera de ruína.

Se o ódio é a lavoura do mal
cultivada no veneno das noites
e da amargura,
a ira é a explosão do espírito

frente à injustiça.
Já não há rebanhos de cordeiros
marchando dóceis rumo ao matadouro.

Recusamos o destino
que o olho único do ciclope nos oferece.
Com as mesmas mãos que hoje paralisam o país
saberemos tecer com fios de espanto
outros destinos possíveis.

Não seremos devolvidos à senzala.
Já inventamos quilombos.
Não seremos devolvidos à senzala.
Já subimos às favelas.
Já recusamos o cativeiro.

Mal aprendemos o sabor da liberdade
e nos damos conta de que é preciso
vazar, sem piedade,
o olho onipresente do ciclope
que nos hipnotiza, nos cega,
nos reduz, nos escraviza.

Chega o tempo de acelerar
o impulso das horas

e dizer ao país que somos
as mãos que movem as cidades,
e plantam o grão que nos alimenta.

Hoje, a palavra se fez gesto.
E o gesto se fez classe.

Brasília, 1º de maio de 2017

POEMA XXX

Em formato de estrela, uma oficina

Um lugar, uma oficina,
onde malho no metal
a lâmina de minha voz.
Aqui aprendo na forja
a força de minha força.

Aqui aprendo a reverência diante dos Orixás,
e me curvo e beijo o pó,
como ensinaram os avós.
Aqui me atrevo a levantar os olhos
e mirar a cara de quem me oprime.

Malungo! Malungo!
Acorrentados no mesmo barco, somos travessia.
Descalços, pisamos a pedra do cais do Valongo.
Sou Angola: sobrevivi aos Tumbeiros,
ao vasto Mar Tenebroso.
A esse azul implacável, que esconde no sal,

os tubarões brancos cevados na carne dos mortos.
No mar, na moenda, no canavial, nas minas.

Escapei de 300 anos: correntes e cambaus.
Arrasto nos tornozelos, conchas, miçangas
e os ossos de meus pais.
Sei porque entrei nessa roda de capoeira há 40
anos...

Este é o meu lugar!
Porque fiz dele meu lugar.
Sem pedir licença!
Com sonho e suor.

Sou Mina,
antecipo nos búzios as armadilhas do destino.

Aqui é minha casa, em desenho de estrela.
Aqui levantei meu terreiro de Santo.
Aqui disponho com reza e dança,
com dor e alegria e ternura e força,
meus Orixás e meus crucifixos.

SOU POVO DE SANTO. SOU POVO DE
SAMBA.

SOU POVO DE RAP. SOU POVO DE FUNK.

À noite sou festa!

De dia me movo pro ‘rala’ sob a mira de fuzis.

Escapo da emboscada para chegar à escola.

“Mãe, ele não viu que eu estava de uniforme?”

“Mãe, tenho sede, muita sede”.

Morro no corpo de Marcos Vinicius.

Fez 14 anos. Não fará mais.

Desvio do Caveirão para bater o ponto.

Mas quando termina a semana

a caminho de um chá de bebê,

80 disparos me alcançam no corpo de Evaldo.

Evaldo era músico. Não será mais.

SOU O POVO DA QUEBRADA
SOB UM EXÉRCITO DE OCUPAÇÃO.

No espaço vermelho dessa estrela

calibro o timbre de minha voz.

Já não quero falar pela boca dos outros.

Ainda que sejam meus irmãos.

Quero é a fala dos atabaques!
Quero a fala dos tamborins!
Porque aqui, no espaço de minha estrela,
apartei a marteladas da pedra muda que fui,
os primeiros vagidos de minha voz.

Quando balbucio palavras ainda vestidas de medo
ou quando arranco a roupa do medo
e alcanço a entonação do grito, na voz de Clara,
ele me vem como gemido assombrado de uma cuíca
ecoando na solidão da noite. Na solidão dos séculos.
Aí imprimo no peito em fogo e ternura, um nome.
Muitos nomes. A infinita procissão de nomes:
Ganga Zumba, Acotirene, Dandara e Zumbi dos
Palmares.

Chica da Silva, Lourenço do Caldeirão,
Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar,
João Cândido, que a Chibata não dobrou,
Patrocínio, Luís Gama, Rebouças, José Pureza,
Oswaldão...

Até pisar o chão de Vila Euclides
e mergulhar no mar de rostos de todas as cores.
As cores de meus irmãos.

Os sonhos de meus irmãos de fresa e de torno.
Para ouvir a voz do peão brotar do meu próprio
peito,
temperada de negro e da história desse silêncio de
séculos,
e levantar com sua palavra e nossas mãos
esta oficina de modelar sonhos, há quarenta anos.
E então me chamar Benedita, Paim, Josimo Tavares,
Edson Santos, Lélia González, Vicentinho,
Avelino Preto, Antônio Pitanga...

Mas poderia me chamar Marielle Franco,
um fantasma que assombra condomínios de luxo,
Ágatha Félix despida da capa
e do sonho de mulher maravilha.

Quando falo a língua do povo,
quando vivo a vida do povo,
quando morro a quotidiana morte do povo,
quando meu Povo de Santo me busca
e, na quebrada, me encontra
ao alcance dos olhos e de suas esperanças,
me faço governo, me faço serviço:

(A população negra alcançou a maior mobilidade social ascendente da história do Brasil, nos governos do PT: aumento real dos salários, reconhecimento dos direitos das domésticas, Minha Casa, Minha Vida, Bolsa Família, Prouni, hoje os estudantes negros são maioria nas universidades públicas do Brasil.)

Quero é a fala dos atabaques!
Quero a fala dos tamborins!
Porque aqui no espaço dessa estrela,
apartei a marteladas da pedra muda que fui,
os primeiros vagidos de minha voz!

Brasília, 2019.

POEMA XXXI

O que somos nós senão bandeiras?

*“O tempo de saber que alguns erros caíram e a
raiz da vida ficou mais forte e os naufrágios
não cortaram essa ligação subterrânea...”.*

(Drummond)

I.

Encarcerado bate no peito
o coração de um país.

Há um país submerso nos oceanos do sul,
submerso na memória do sul,
aquela memória que não erigiu monumentos
e busca recompor seu passado de areia e ventos.

Há um país que espanta por seus abismos...
Um país ao sul da memória,
sempre ao sul dos nossos sonhos.

Nas ruas, no Paço, nos Estádios,
nas assembleias, nas greves,
nos sindicatos, ao pé dos tornos,
no eito,
na correria das ocupações
onde nascemos,
sob a fumaça das bombas
e das explosões
se erguiam bandeiras
e canções.

O que somos nós senão bandeiras
que passamos de uma a outra mão
sobre o tumulto?
Geração após geração?

(Na batalha que não cessa,
hoje, o inimigo aboliu
o direito antigo, desde Tróia,
de acompanhar e sepultar os mortos).

Encarcerado, o coração do país chora,
se evade
e pulsa dentro dos nossos corações.

II.

Traço na sombra um esboço
do pesadelo circular que nos sitia
para adivinhar-lhe o contorno:
preciso incendiar a escuridão que me cerca
para vislumbrar a cara da Esfinge
que devora meu país.

Não sei se será longa a noite do Espantalho.
Não importa.
Quero meus olhos ardendo como estrelas
frente aos espelhos rotos
capazes ainda de capturar alguma réstia de luz.
Quero seguir acendendo
as fogueiras dos acampamentos
como quem move mecanismos de amanhecer.

Tomo tuas mãos e costuro com elas
uns trapos humildes
para recolher sonhos despedaçados
ao lado das crateras em torno de minha casa,
abertas pelo fogo dos inimigos.

Durante as noites transporto água
e lágrimas para fazer delas
as lagoas azuis onde cultivo peixes
e sonhos que não me abandonam.

Como antes, nos anos de chumbo,
invento uma arquitetura de orvalhos
para vencer as engrenagens da noite,
dissipar a escuridão,
a tempo de contemplar
o Espantalho coberto de passarinhos...

III.

Não pedirei perdão
ao tribunal dos inimigos
que acalentam desde sempre
o sonho do cepo e do machado
sobre minhas mãos.
Para não permitir que se corte
essa ligação subterrânea
entre o sonho que me alimenta

e a vida bruta
dos sustentadores da vida,

regresso ao espaço baldio
do coração do povo
há longos anos ocupado
pela palavra dos inimigos.

Aqui me curvo diante
de Dorcelinas e Margaridas e Marielles,
diante do metalúrgico, pedreiro, sem-terra,
dos filhos de Zumbi e Apoena em Parabubure,
diante dos sustentadores da vida
para dizer-lhes:
quando havia pão sobre a mesa
e o riso e a fartura
não houve minha palavra,
quando havia trabalho,
quando havia futuro
não houve minha palavra,
quando havia liberdade,
não se ouviu minha palavra.
E o silêncio, por fim, devorou minha palavra.

E a palavra do inimigo
submergiu-a como a lama
de Mariana e Brumadinho
deitou-se sobre o corpo das pessoas
e a alma dos rios.

Sem conceder ao cansaço,
modelo com paciência
uma roda de conversa,
um gesto de carinho,
uma palavra de esperança,
um chip, um zapp, um post,
sou, a um só tempo,
a mão que modela
e o próprio instrumento:
sou todo comunicação,
sou inventor e invento.

O coração encarcerado
que pulsa em nossos corações
engendra no infortúnio
o coração do futuro.

Que os demônios da ternura
nos esqueçam quando
reinventarmos a próxima madrugada...

Brasília, 10 de fevereiro de 2019

QUE PAÍS SEREMOS DEPOIS DAS VALAS COMUNIS



Sepultamentos no Cemitério Nossa Senhora Aparecida, causado pela Pandemia do Covid-19, Manaus (AM), 15.05.20.
Foto: Alex Pazuello/Semcom

POEMA XXXII

O Invisível

I.

Invisível, o Inimigo
nos cerca, invade,
asfixia.

Invisível, o Inimigo
nos separa,
nos confunde.

Está em toda parte.
Na oficina de trabalho,
nas ruas, nos becos, nos cais.

Sob o viaduto
que me abriga do frio,
o Inimigo se esconde.

Dentro do túnel da 9 de julho,
sob o Viaduto Santa Ifigênia,
na Ladeira da Memória,

no degrau da soleira
onde deito meus ossos...
na noite da metrópole.

II.

Invisível, o Inimigo
está em Wuhan, na Lombardia,
em Nova York,

nos objetos que amamos,
nos corpos que amamos, nas almas. Nas Mãos?
Sim, nas mãos que modelam esse mundo que
morre.

O Inimigo tomou de assalto nossas mãos.
E busca fechá-las contra nossa garganta.
Lançados entre a epidemia e a fome,

Por alguns tostões percorremos as veias

de cidades vazias, acossados
pelo chicote incessante dos smartphones.

Os que querem nos manter no trabalho, expostos
ao Invisível, ocupam as ruas em carros com
vidros blindados
e gritam por converter em pedra nossos pulmões.

Nós os conhecemos
desde que o primeiro negro enfermo
foi lançado pelo convés de um Tumbeiro

aos dentes dos tubarões
para que os braços de seus irmãos
chegassem ao porto e aos canaviais.

III.

Invisível, o inimigo está
em Madrid, em Frankfurt, em Santiago,
em nossas mãos.

E o que antes era o abraço,
nesses dias será apenas
um aceno.

Chega um tempo de assombro
em que o gesto de amor
se converteu em cultivar distâncias.

O tempo de aprender a amar com os olhos:
concentrar nos olhos toda a ternura
– e o desejo –
nos olhos de quem amamos,

para receber de volta, como alento,
a fugitiva centelha
que nos aquece o peito e nos convoca à vida.

Aprender a amar com os olhos,
quando em silêncio miramos o rosto dos avós,
ainda que seja a última vez que o miramos,

a notar aquela ruga mais profunda
que não distinguimos ontem
no rosto do pai

e enxugar a lágrima diante do vagido
desta criança que acaba de nascer
no meio da pandemia... para recomeçar o mundo.

Permanecer em casa, os que ainda temos casa.
Casa é o lugar para onde retornamos
ao fim da tarde.

Outros terão apenas a soleira da porta
para onde os expulsou
esse mundo que morre.

Brasília, 28 de março de 2020.

POEMA XXXIII

Matadouro Brasil

(Notícia sobre um genocídio tropical)

Humano não é o impulso
de partilhar a sorte de alguém,
cujo rosto nunca vimos,
mas por algum sinal do sangue
na parede ou no destino
reconhecemos irmão?

Quem de nós ignora
que morremos um pouco
no corpo que tomba
ao nosso lado, alvo de um balaço
ou sufoca a caminho do hospital?

Afinal, o que foi feito do berço
de águas e verdes e afetos
que imaginávamos cultivar?

O que foi feito dos sons
do surdo e do tamborim,
da sanfona, triângulo e zabumba,
da viola sertaneja que nos acalentaram
e desenharam o mapa dos nossos corações?

Devastado pela dor e pelo ódio,
já não reconhecemos como o lugar
que moldamos para nascer e amar
na geografia afetiva da alma.

A palavra do poeta seja sopro
sobra a brasa adormecida
de nossa indignação.
E possa acender as chamas
da ira diante do intolerável.

Não temer a ira!
A sagrada explosão da ira
diante do injusto
é que nos faz humanos!

Pergunto aos palácios de vidro
erigidos pelas mãos dos pedreiros candangos:

que país será construído
sobre os ossos dos povos
condenados ao matadouro?

Guarani, kaiowá, Yanomami,
Krenak, Cinta-larga, Tikuna,
Karajá, Suruí, Caiapó, Rikbatsa,
Tapirapé, Kaxinawá, Parakanã, Kamaiurá...

Os Xavante,
sobreviveram ao fio do facão,
aos incêndios e aos massacres.
Às roupas contaminadas com sarampo,
à ferocidade do latifúndio,
devorando veredas e buritizais.
Sobreviverão alcançados
pela maldição do vírus
e pelo silêncio cúmplice dos genocidas?

Ouçõ na Esplanada
sob o violento azul do inverno
de nossas desesperanças um difuso clamor.
Que minha voz ecoe o pranto
das mães Yanomami
em busca dos corpos de seus filhos enterrados.

A morte aqui tem nome e lugar:
favelas, mocambos aldeias, quebradas...

O inverno já nos alcança
enquanto ainda buscamos flores
da primavera pública que se perdeu...
vão coroar a tumba dos encantados
nessa semeadura de cruzes.

Hoje, cinquenta e seis mil mortos,
sufocados pela peste,
batem à porta do genocida.
Quem responderá pelas vidas
que a indiferença transformou em cruzes?

Sobre nós o sol
e o olho do drone.
O olho do drone não chora,
não conhece o sal das lágrimas.

Registra a morte, apenas.
Uma geométrica colmeia de assombros
cavada no barro vermelho
do coração do país.

O olho do drone registra o plantio
para entregar um dia aos segadores
a sinistra colheita da morte.

O país dos abraços
aprende na dor
das distâncias medidas,
um novo idioma de gestos:
eu te amo
mas não te toco.
Eu te amo
e porque te amo,
não te toco.

Contra o escárnio,
que a palavra do poeta
seja sopro e se faça vento
sobre a brasa adormecida
de nossa indignação.

Brasília, junho de 2020.

POEMA XXXIV

Amanhece sobre S. Bernardo

I.

Houve pranto

Houve pranto em sete de abril.
Um pranto impotente gotejou
sobre o metal

das linhas de montagem.

Verteu pelas salas dos sindicatos,
o asfalto das ruas,

foi sugado pela aridez dos sertões

para rebrotar no agreste:
imprevista flor de mandacaru,
que se guarda feito uma promessa do estio,
anunciando chuvas.

Marejou sutil nos olhos

que miraram teus passos

entre os homens de preto.

canções de acordar os homens,
desse torpor paralisante.

Erguemos acampamentos,
fizemos greve de fome,
para fazer ouvir a voz
dos que não se renderam.

Não éramos muitos.
E sob o fogo cerrado da mentira,
nos cercava um silêncio
povoado de dúvidas.

Nos feria como o fio da faca
empunhada pela mão de um amigo,
a luz aguda nos olhos da gente comum
que nos fitava interrogativa.

III.

Bordando
a alma do dia

Durante a noite, à luz das janelas,
ou sob a lona dos acampamentos,

brotavam dos dedos de mulheres
anônimas
uma clara escritura de pássaros, cores
e premonições.
Bordavam teu nome e tua liberdade,
como se urdissem com os dedos
o dia futuro
sobre os panos da madrugada:
faixas, retalhos, bandeiras
para torna-lo inevitável.

Repetiam teu nome em voz baixa
nas rezas, poemas, promessas
diante do retrato na parede,
ao lado dos santos de devoção.

Aprendemos a guardar na memória
um débil sopro sobre brasas antigas
escondidas nos alforjes,
como diamantes,
nos olhos
ou no peito da gente miúda e inumerável,
que sempre soube combater o impossível.
Você nos ensinou a torcer o impossível,

dia trás dia, noite trás noite,
com a tenacidade das mãos
e da palavra,
no clamor das assembleias, nos estádios
ou em voz baixa, na cela do cárcere,
olhos nos olhos, com ternura e força,
até torná-lo possível.

IV.

A oficina
do poeta

Reparo ao redor,
os olhos cansados da vigília,
e procuro na desordem da mesa,
entre os objetos quotidianos
desse meu ofício – inútil! –
dedicado a evitar enganos
e engendrar o impossível:

onde encontrar sons,
imagens, palavras, símbolos,
para compor uma canção de vitória,
se me vejo sitiado pelo pranto,
incapaz de deter a hecatombe?

Onde se esconderam as rimas
de acender
a alegria do samba
e ainda que por um momento,
espantar a dor do coração que pulsa?

Onde encontrar flores sobreviventes
da primavera derrotada
para compor essa canção de vitória?

E aprender a malhar no metal um verso novo
como se você fosse
um poema aberto pela vida...?

V.

A morte aqui
é tamanha

Contemplo minha pátria convertida
num vasto cemitério.
Embrutecida pela dor e pelo ódio.

Sufocada entre mãos de um homicida
gerado no ventre da doença

que faz de nós esse monstro bifronte:
Casa-Grande e Senzala.

De tão presente, se tornou invisível.
E nos modela a face e a memória
indiferentes à calamidade,
à procissão interminável dos mortos
que se move ao coração da terra,
ceifados pela peste anunciada
e fatal,
essa, que agora nos rouba o alento
dos pulmões que se agarram
às últimas gramas de ar:
fiapos de esperança
contra toda esperança
para resistir.

A morte aqui é tamanha
que se produziram tristes primaveras
de plástico industrial,
humildes,
para velar pelos mortos
e não deixar sem sinal a cova no chão
onde se despejou o corpo asfixiado.

VI.

A sombra feroz

Você sabe de nós
o que não sabemos de nós.
O que negamos em nós.
O que não desejamos saber
de nós.
Você sabe o abraço, a alegria,
o olhar dos famintos,
a verdade, a hipocrisia,
a atroz geografia
da alma, a sombra feroz
que nos habita.

VII.

Que país seremos
depois das valas comuns?

Ao fim do segundo verão da peste,
se desata o tempo das valas comuns.

Cavadas por uma guerra surda
contra os que, ao nascer,

não trouxeram nome.
Ou tiveram seus nomes
cobertos pela cal viva
dos nomes de santos:
os que morrem de bala ou vírus
nos morros, nas favelas, nos cortiços:
os pretos, os pardos, os pobres,
os que não deveriam ter nascido...

Para que deles não reste memória
no coração dos filhos
– ou das testemunhas –
e dos que insistem em nascer
durante e depois da pandemia.

E nenhuma voz se levante,
tardia
e se atreva a cobrar do Poder
o que foi fruto da fatalidade...

Para que só restem cinzas,
varridas pelo vento e o olvido.
Final, não é hora de apontar o dedo

e buscar culpados...
No país do esquecimento
nunca é hora de nomear culpados.
Assim será mais uma vez...
Para que deles não reste memória.

Que país seremos depois das valas comuns?

VIII.

A construção
da voz

No princípio era o silêncio.
Ou o idioma intraduzível
aos ouvidos das altas varandas.

A voz que o feriu,
apartou-se
da moenda circular,

desse engenho tropical
que nos condena
e girava um canto tão igual,

que não era senão
outra forma de silêncio,
como o mel da cana moída

entre os dentes da madrugada
repetindo incessante
o mesmo açúcar.

Aquela voz de ventos gerais
nasceu da moenda circular
até gritar por tua boca.

Guiado pela voz
você aprendeu a palavra
pela entonação do grito.

Como um exercício
de quem arranca do silêncio
o direito de falar por sua gente.

Aos seus iguais e aos seus diferentes.
Para exprimir esperança num idioma universal,
aquele que bate nos abismos do peito

como os atabaques de Olorum,
e lateja no sangue e acende a paixão
antes de alcançar a luz do entendimento.

Brasília, 1º de maio de 2021

IX.

Amanhece
contra a vontade da noite

Amanhece sobre São Bernardo.
Amanhece sobre o silêncio dos tornos...

Sobre os escombros
do país devastado pela peste
e pela negação.

Amanhece contra a vontade da noite.
Aqui, no berço: Rua João Basso, 231,
São Bernardo do Campo.

Amanhece como se o país
encontrasse um lugar
para recomeçar.

Amanhece pela garganta
do peão
aquela voz anoitecida
– um dia tragada pelo silêncio –
que teimosamente regressa
dos subterrâneos da cidade fria,
como quem volta vitoriosa do exílio
para nos aquecer o coração.

Amanhece na garganta
a voz do peão
que reorganiza vontades,
e acende a imprevisível centelha
da indignação e dos sonhos
que não se renderam,
nem se renderão!

Brasília, 1º de maio de 2021.



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

ISBN 978-85-7643-265-4



9 788576 432654